**UM NOVO OLHAR SOBRE A RELIGIOSIDADE E CULTURA AFRO-**

**BRASILEIRA: QUESTÕES ÉTNICAS.**

OLIVEIRA, Neuma Alves de 1

**RESUMO**

O presente artigo traz uma análise sobre a religiosidade e a cultura afro-brasileira, tendo como enfoque a contribuição que das raças indígena, negra e europeia para a formação religiosa e cultural do povo brasileiro. A apropriação e a ressignificação da palavra religiosa em terras brasileiras desvela a capacidade criativa desses homens e mulheres que cooperaram decisivamente para a construção do Brasil. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é examinar, criticamente, como o processo colonial colaborou para a miscigenação e a partir de que momento da colonização começa o sincretismo, bem como, analisar as diferentes manifestações culturais e religiosas do país com destaque para as indígenas e afro-brasileiras. Para entendermos a religiosidade e cultura a partir da colonização, procederemos com um olhar sobre a miscigenação, o sincretismo, as irmandades negras e as festas na colônia, fazendo uma análise desta temática da história brasileira, a partir do encontro das três raças no período colonial, compreendendo como influíram para a formação das diversas manifestações da cultura e religiosidade do nosso povo. Desta forma, entenderemos que a nossa cultura hoje se constitui como uma mescla das diferentes raças que se miscigenaram e sincretizaram suas crenças e costumes, formando no que se caracteriza a sociedade brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** SINCRETISMO; RELIGIOSIDADE; CULTURA; INDÍGENA;

AFRO-BRASILEIRA.

Para entendermos a formação cultural e religiosa do povo brasileiro, remetemo-nos à primeira definição de cultura, segundo Roque de Barros Laraia, formulada por Edward Tylor, que diz

ser cultura comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de transmissão genética. Ainda no que se refere à origem da cultura, Laraia cita Claude Lévi- Strauss que considera que esta surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra. Mas o conhecimento científico atual está convencido de que o salto da natureza para a cultura foi contínuo e incrivelmente lento, isto é, a cultura desenvolveu-se simultaneamente com o equipamento fisiológico do homem. Embora seja um país de colonização portuguesa, outros grupos étnicos deixaram influências marcantes na cultura brasileira, destacando-se os povos indígenas e os africanos.

1 Aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC/UERN, neumaedna@hotmail.com Eixo Temático III - Diversidade, Educação Étnico-Racial e Indígena.

Nesse sentido, as influências indígenas e africanas deixaram marcas no âmbito da [música,](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica) da [culinária,](http://pt.wikipedia.org/wiki/Culin%C3%A1ria) do [folclore,](http://pt.wikipedia.org/wiki/Folclore) do [artesanato,](http://pt.wikipedia.org/wiki/Artesanato) dos caracteres emocionais e das festas populares do Brasil, assim como centenas de palavras que foram incorporadas ao vocabulário da Língua Portuguesa. É evidente que algumas regiões receberam maior contribuição desses povos: os Estados da Região [Norte](http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Norte_do_Brasil) apresentam forte influência das culturas indígenas, enquanto que algumas partes do [Nordeste](http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Nordeste_do_Brasil) apresentam cultura bastante africanizada, sendo que, em outras, principalmente no [sertão,](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sert%C3%A3o) há uma intensa e antiga mescla de caracteres [lusitanos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_de_Portugal) e indígenas, com menor participação africana.

Assim, o sincretismo no Brasil, segundo Ronaldo Vainfas e Juliana Beatriz de Souza (2000), começa a se formar logo nos primeiros momentos da colonização. Desembarcaram aqui junto aos navegadores, também a igreja e a tradição católica de Portugal, que expressa seu desejo de expandir-se para a América. A partir desse desejo de expansão era, então, preciso ensinar aos índios a fé cristã, de modo a criar no Brasil uma extensão da cristandade europeia. Para cumprir tal missão vieram os jesuítas, que com a catequização criaram uma logística própria que incluía os aldeamentos, uma identificação da Bíblia com o imaginário dos nativos. O caso das “santidades” mostra como rituais indígenas misturavam-se a conceitos da fé católica resultando em pregações de cunho messiânico.

Percebe-se, então, que a convivência entre catolicismo, ritos indígenas e, posteriormente, práticas das religiões de Matriz Africana vindas para o Brasil com os povos escravizados, criou uma barreira muito tênue entre o permitido e o proibido para os colonos católicos. Segundo os autores, a escravidão teria contribuído para a manutenção e popularização dos cultos de origem africana no Brasil, o qual incorporou vários aspectos do catolicismo e dos ritos indígenas.

Desse modo, associações de caráter locais, as irmandades negras contribuíram para forjar a polissemia e sincretismo religioso brasileiro. Impedidos de frequentar espaços que expressavam a religião católica dos brancos, as irmandades representavam uma das poucas formas de associação permitidas aos negros no contexto colonial. As irmandades negras surgiram como forma de conferir *status* e proteção aos seus membros, sendo responsáveis pela construção de capelas, organização de festas religiosas e pela compra de alforrias de seus irmãos, oficialmente auxiliando a ação da igreja e demonstrando a eficácia da cristianização da população escravizada. Entretanto, ao organizarem-se, geralmente, em torno da devoção a um santo específico, a qual assumiu múltiplos significados, incorporando ritos e cultos aos

deuses africanos, permitiu o nascimento de práticas religiosas de matriz africana como o Acontundá, o Candomblé e o Calundu.

Para tanto, muitos indivíduos que, oficialmente, cultuavam, por exemplo, São José, na capela erguida pela irmandade negra, dentro do âmbito do acontundá, clandestinamente dançavam em frente a uma imagem semelhante ao som do tambor em casas simples com paredes de barro cobertas de capim, utilizando palavras extraídas de textos católicos, mescladas a um dialeto da Costa da Mina (atual Gana). Um sincretismo que se tornaria típico do povo brasileiro, também presente no Candomblé, onde o rito do Deus africano Coura e a devoção a Nossa Senhora do Rosário se fundiram, fornecendo um valioso exemplo da simbiose religiosa no Brasil. “As irmandades se encarregavam da evangelização e propagação dos valores cristãos, do culto aos santos e a Virgem, bem como de rezas e procissões – as quais foram um elemento de celebração e integração usado desde os primórdios da colonização pelos jesuítas”2.

Portanto, embora o projeto colonial português fosse o de transmigrar o mundo ibérico para os trópicos, pelo menos no plano da religiosidade o que aconteceu foi o fato de diversos tipos de cultos – desde os de origem nativa até os católicos, afros e judaicos – estarem convivendo e se misturando, mutuamente, nos três primeiros séculos de ocidentalização do Novo Mundo, cujas práticas refletem até hoje na religiosidade e cultura mestiça brasileira.

2 VALE, Fernanda Cristina.

**REFERÊNCIAS**

LARAIA, Roque de Barros. ***Cultura***: Um ***Conceito Antropológico***. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 14 Ed, 2001.

SOUZA, Laura de Melo e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade** **popular no Brasil Colonial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. **Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e** **tabus da historiografia brasileira.** Agosto 1999.

VAINFAS, Ronaldo. SOUZA, Juliana Beatriz de. **Brasil de Todos os Santos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

VALE, Fernanda Cristina. Resenha do livro de VAINFAS, Ronaldo. SOUZA, Juliana Beatriz de. **Brasil de Todos os Santos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.